

A OPERACIONALIZAÇÃO DO ESPORTE EM ESCOLAS DE INICIAÇÃO: O FUTEBOL QUE SE PROPÕE

DOI: 105902/0102830819099

Data de Submissão: 12/08/2015

Data de Aprovação: 21/10/2015

Elson Aparecido de Oliveira

Universidade Federal de Mato Grosso

elson12oliveira@gmail.com

José Tarcísio Grunennvaldt

Universidade Federal de Mato Grosso

jotagrun@hotmail.com

RESUMO: Este estudo objetivou descrever e analisar como o futebol tem sido pensado e operacionalizado em escolinhas esportivas. Utilizou-se para coleta: entrevistas semiestruturadas para professores, observação estruturada dos treinos e questionário aberto para dirigentes em 05 escolas de futebol de Cuiabá MT. Constatamos que a operacionalização do futebol nestes âmbitos faz-se voltada prioritariamente ao ensinamento dos “fundamentos técnicos”. Por tal, vê-se necessária a aproximação dos agentes da cultura esportiva de planejamentos coesos e pensamento multidisciplinar para que o ensino futebolístico aconteça com qualidade e seja propagado a partir da lógica imprevisível, complexa e sistêmica, tornando-se ferramenta pedagógica agregadora de conceitos e valores.

Palavras-chave: Futebol. Escolinhas. Iniciação esportiva.

Introdução

Dentre as relações constituídas por “homem e movimento” destacamos a ação do “ser” que se movimenta e o jogo (“causador da ação”), relação composta de aceitações e códigos de ética carregados de significados, lógicas corporais e comportamentais. Deste modo, o jogo esportivizado apresenta-se como protagonista se inter-relacionando com componentes de valores dos praticantes.

E, é por meio da prática e compreensão que o jogo se torna interventor direto na formação humana, pois o “ser” que pratica também carrega consigo marcas e valores que podem ser agregados, fortalecidos e/ou contestados e confrontados por meio das provocações do jogo e esporte em um processo de vivência, ensino, aprendizagem, adaptação, reflexão e reestruturação de conceitos e práticas.

No Brasil, sem dúvida o jogo esportivizado que mais se destacou foi o Futebol, constituído em processo simbiótico ao desenvolvimento do país, passou a ser por isto (é) um referencial da nação e traço de identificação. Pela facilidade de adaptação o futebol logo foi jogado em campos de terra, ruas, parques, fazendas e etc., em detrimento ao caráter elitista de sua chegada (PAOLI, 2007). E, esta prática se concretizava como primeiro contato com o esporte, culminando em aprendizagem não formal do jogo futebol.

Com o passar dos anos e as crescentes evoluções em todos os segmentos tal aprendizagem incidental diminuiu, os espaços antes dominados pelos jogos de bola foram sendo ocupados e modificados em prol da expansão industrial e modernização das cidades (SCAGLIA, 1999). No mundo competitivo do futebol a seleção nacional que é nossa representação maior dentro do esporte, também passou por um processo contínuo de mudanças em virtude dos resultados negativos em competições (principalmente em copas do mundo) que abalaram a base de nossa hegemonia futebolística (VALETIN E COELHO, 2005).

Aspectos como estes contribuíram para o surgimento das Escolas de futebol que com o tempo se propagaram pela sociedade tendo a missão de ensinar

futebol, direcionando-se à crianças e jovens, permutando seus objetivos e metas a partir do contexto a sua volta. Mas, quais as lógicas do ensino esportivo para crianças e jovens?

Mediante a este questionamento intrigante tramamos nessa pesquisa uma linha de conduta considerando a responsabilidade de perspectivar as ações esportivas pedagógicas sob a luz multidisciplinar que o esporte enquanto fenômeno cultural se faz. Sendo assim, descrever e analisar a operacionalização do futebol em escolas de iniciação foi o objetivo precípua deste artigo. Como se têm operacionalizado o futebol? É o que demonstraremos no decorrer deste artigo.

Futebol e o Percurso Inicial no Brasil:

Nas origens do futebol podemos encontrar inúmeros relatos milenares que apontam a existência de atividades e jogos de bola na Ásia, Europa e nas Américas, cujo manuseio do implemento de jogo com ospés eram comuns (SCAGLIA, 1999). Porém, o jogo futebol é esportivizado, normatizado e universalizado pelos ingleses com a criação da “football association” (DAMO, 2005). Este football universalizado se dissemina no Brasil no fim do século XIX com jovens elitistas brasileiros que tiveram o contato com este esporte enquanto estudavam nas escolas europeias, onde geralmente eram educados (TOLEDO, 2000).

Segundo Guterman (2009, p.13) “o futebol brasileiro deu uma sorte danada assim que nasceu”. Visto a composição perfeita da introdução do jogo britânico no Brasil, vez que Charles Miller uns dos principais pioneiros do esporte no país era fã do estilo de jogo pautado no “dribbling” (drible) o que fez com que o jogo propagado aqui logo se distinguisse do modelo de “passing” fortemente cultivado pelos europeus.

O jogo de futebol arrebatou o gosto dos brasileiros causando uma forma harmoniosa e inexplicável de relacionamento que transcendeu o reduto elitista de sua configuração inicial (PAOLI, 2007). Soares (2004) argumenta dizendo sobre o

relacionamento que surgiu entre o brasileiro e esse esporte, entendendo o futebol como instituição identitária culturalmente fenomenal, passível as expressões romanticamente das imagens socialmente construídas pela nação, como: rico, generoso, miscigenado, povo criativo, genial e artístico. Esta transferência das representações populares ao caráter futebolístico fortalece o laço de pertença entre povo e futebol; e conseqüentemente as cobranças em virtude dos resultados.

Referencial

Escolas de futebol: Origens e contexto

É possível que as instituições voltadas ao ensino do Futebol para iniciantes tenham suas origens mais fortes no Brasil correlacionadas com o resultado de uma Copa do Mundo, especificamente a ocorrida em 1966 na Inglaterra. A partir disso alguns pontos foram fortemente debatidos como condicionamento físico e hedonismo dos atletas brasileiros (VALENTIN E COELHO, 2005), o reinado e supremacia futebolística com tal resultado negativo passou a ser contestados.

As escolinhas então aparecem em cenário nacional como opção de mudar o perfil de formação de futuros desportistas (sendo usadas também pelas políticas públicas para manipulação dos corpos e vontades das classes sociais abastardas) e, vão se adaptando ao passar do tempo em detrimento às novas vontades e demandas do esporte e sociedade. Nesse sentido, Scaglia (1999) diz que a partir da década de noventa as escolas esportivas passam a assumir um papel social e educacional, possibilitando inclusão social, inserção e retirada de crianças e jovens dos vícios e marginalidades crescentes.

Quintas e Bortoli (2009) apontam ser de praxes que os pais hoje, destinariam os filhos às escolas de futebol devido à grande paixão nacional pelo esporte e, em virtude de um sonho em que seus filhos irão se tornar jogadores famosos. Solder (2010) por sua vez, diz que a escolinha de futebol nos dias atuais vem sendo procurada por crianças cada dia com uma idade menor, pois é na infância que os pais procuram dar diretrizes para um melhor crescimento. Citado por Cavichioli

et al (2011, p. 631) Freire aponta a força cultural do futebol na propagação da cultura esportiva às crianças, para ele:

O aprendizado do futebol no Brasil sempre esteve atrelado ao significado cultural de sua prática, isto é, desde a infância os brasileiros são influenciados por esse significado. Antes de aprender a andar, as crianças recebem bolas e uniformes de times, são incentivadas a assistir partidas de futebol pela televisão e frequentar estádios.

Assim, o aumento das escolinhas esportivas, além do traço cultural fortemente irrigado e cobranças por melhor formação de jogadores, muito se deve ao crescimento das cidades. Estes espaços viriam como forma de substituir os campos abertos, praças e ruas que com o crescimento dos municípios ganharam novas configurações (trânsito intenso, asfalto, prédios...) se tornando inseguros para as brincadeiras e jogos das crianças (SCAGLIA, 1996, 1999), “à antiga prática informal”.

Contudo, notar-se-á que levadas às escolinhas as crianças podem se deparar com duas vertentes, uma correspondendo à orientação do esporte participativo com características educativas e lúdicas, orientados para saúde, educação, crescimento pessoal, ocupação do tempo livre e diversão; enquanto a segunda vertente está ligada a formação ao esporte como profissão, guiando o indivíduo ao ato de desempenho, com muita exigência por resultados (CARRAVETTA, 2006).

Paoli (2007) afirma que o futebol sofreu mudanças mediante os processos de globalização, tendo suas formas de jogar universalizadas e, priorização de aspectos físicos, estratégico-tático, valorização do jogo coletivo entre outros. Tais mudanças requereram atenção e intencionalidades em busca de se fazer com que futebol aqui jogado, não ficasse a quem de tais mudanças.

Já Scaglia (1999) enxerga as escolas esportivas com funções que devam transcender os resultados imediatos, assim o aprendizado e propagação de conceitos e valores como ética, autonomia, cidadania... são condicionantes que devem ser trabalhados, a fim de que se tornem aspectos a serem levados ao longo de toda vida.

Portanto, as Escolas de Futebol devem ter uma configuração voltada ao ensinar o esporte com muita qualidade, para isto, é necessário observar a criança que pratica e colocar a modalidade como elemento carregado de componentes transformadores e instrumento pedagógico importante, uma ferramenta acionista e estimuladora do desenvolvimento de todas as capacidades humanas.

Modalidades esportivas coletivas

Do ensino do esporte é perceptível na contemporaneidade a ideia lançada por Bayer (1994) que agrupa diferentes modalidades esportivas dentro de uma mesma linha, devido às características: *uma bola, espaço de jogo, parceiros com os quais se joga, adversários, um alvo a atacar (e, de forma complementar, um alvo a defender) e regras específicas*. Estas seis características comumente observadas em jogos coletivos (handebol, basquete, futsal, futebol) possibilitam essa classificação segundo o autor.

Assim, também o Futebol enquadrado nesta categoria de jogos esportivos coletivos, permuta caminhos sobre a ótica da reestruturação, na forma reflexiva qual o esporte necessita ser desenvolvido e repassado. Visto que, por muito tempo o ensino da modalidade se fez em bases analíticas, onde a imprevisibilidade das ações era negada e as atividades e fenômenos totalmente isolados, sendo as tarefas descontextualizadas e distanciadas das lógicas do jogo (GARGANTA e GRÉHAIGNE, 1999; LEITÃO, 2009).

Segundo Teoldo et al (2010), é preciso na orientação de atividades de formação e preparação das crianças e jovens praticantes de jogos coletivos focar-se na centralização dos aspectos pedagógicos, a fim de proporcionar evolução do conhecimento e do nível de desempenho técnico e tático. Por tal, concordamos com Graça e Oliveira (1995) quando afirmam que o ensino do jogo não deverá ser perspectivado como aquisição de um somatório de habilidades isoladas que se auto justifiquem.

Garganta (1995), também afirma que o jogo deve ser compreendido pela lógica sistêmica (todo) e complexa, sendo entendido como uma unidade onde, apenas o domínio das diferentes técnicas (passe, condução, remate, etc.) embora seja parte e um instrumento sem o qual é muito difícil jogar e impossível jogar bem, não permite necessariamente o acesso ao bom jogo.

De acordo com Leitão (2009p. 56): “olhar e entender o futebol sob a perspectiva da complexidade significa compreender mais do que futebol”. Ou seja, observar e tratar o jogo a partir das suas lógicas e estruturas é caracterizá-lo altamente imprevisível, e não negar tudo que com ele interage é essencial. Para isto, é preciso estruturação e planejamento do processo de ensino e aprendizagem. Mas, como tem sido pensado, proposto e reestruturado a operacionalização do futebol na propagação do ensino esportivo?

Neste rumo, Gallati (2006, p. 29) considera a iniciação esportiva como um primeiro momento de contato com a prática específica, cujo fim e objetivo baseiam-se no ato educacional, formação integral do ser humano a fim de contribuir para o seu desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social. Porém, Greco (1999) diz que a própria terminologia “iniciação esportiva” se presta a vários equívocos e aparece com diferentes interpretações na literatura esportiva, vista em muitos momentos apenas como uma simples aprendizagem de rotinas (técnicas) e jogadas (tática) restrita a aquisição de fundamentos básicos para que o praticante os desenvolva posteriormente no contexto do jogo.

Deste modo, o futebol altamente espetacularizado, profissionalizado, ritualizado e em certo modo mitificado por nós brasileiros é operacionalizado de que forma nas escolinhas? Utilizamos este artigo para evidenciar/descrever uma realidade e, a partir disto gerarmos mais questionamentos e reflexões sistemáticas sobre a temática desta pesquisa.

Metodologia

Este trabalho de cunho qualitativo descritivo contou com 05 escolinhas de futebol situadas na região central e sul de Cuiabá. Todas atendem crianças e jovens entre 07 e 17 anos de idade oferecendo aulas/ treinos no mínimo três vezes por semana. Para obtermos o objetivo descritivo proposto utilizamos de questionários abertos para um dirigente de cada entidade, entrevista semiestruturada para um professor/técnico/treinador de cada entidade e observações de aulas/treinos dentro de cada escolinha (2 dias da rotina da escolinha) a fim de elucidar como o futebol tem sido pensado e operacionalizado nas escolas de futebol.

Apresentação e discussão de dados

Este estudo buscou através de um grupo de perguntas temáticas relacionadas às funções das escolas de futebol, conteúdos, planejamentos e prioridades no ensino, bem como, observação sistemática das aulas apresentar o que pensam e como tem-se operacionado o futebol nas escolinhas. Os resultados estão apresentados de maneira que as identidades dos voluntários e entidades sejam preservadas, assim numeramos as instituições e voluntários respectivamente, simbolizando-os para a apresentação dos dados. Ex: EF001(escola de futebol01), D001 (dirigente da EF001), P001 (professor da EF001).

Dos dirigentes

Função

De modo geral os dirigentes apontaram que as escolinhas têm função de formação que engloba desde a formação cívica até a esportiva, ocupando o tempo ocioso das crianças, tirando-as das ruas. Vejamos a seguir passagens que revelam a opinião dos dirigentes sobre a função das escolinhas:

D001“Formação de cidadãos e futuros atletas”.

D002: “Com finalidade de propor às crianças um lazer e inserir na sociedade, auxiliando tanto a família, na escola para ser cidadão. É função das escolinhas de futebol preparar o garoto para futuro não só no futebol, mas para vida”.

D003:“Objetivo maior de fortalecer as famílias, ocupar o tempo ocioso das crianças”[...].

As falas vão ao encontro dos dizeres de Scaglia (1999) e Valentin e Coelho (1999), estes relatam-nos que a partir dos anos noventa as escolas esportivas teriam assumido um papel amplo cuja propagação de bons preceitos esportivos, moral e retirada das crianças da rua estariam como carro chefe ideológico para estes espaços. Seria função das escolinhas fazer com que tudo que se aprende nesses espaços pudesse também ser utilizado de forma positiva ao logo de toda vida e não somente no ímpeto imediatista dos resultados.

Entretanto, pouco se atentam os dirigentes que tal ideologia fortalecida após a desmilitarização do Estado aflora como um discurso romântico camuflando a ação de dominação e domesticação de uma classe trabalhadora em virtude dos objetivos burgueses e elitistas. O esporte seria uma válvula de manipulação e educação para aqueles que estão à margem dos padrões. Logo também seria um veículo de ascensão social fortemente difundido aos menos ricos (VALENTIN E COELHO, 2005).

Ainda hoje, com mudanças significativas nos perfis dos constituintes das classes sociais, demandas esportivas, interesses ampliados, possibilidades de ascensão por diversos meios, amplitude e velocidade de informações, caberia o processo civilizador como função primária das escolas de futebol? A quem compete ação pedagógica de ensinar futebol com qualidade, respeitando os interesses individuais, etapas, interação com a tarefa e desenvolvimento? No processo do ensino esportivo que se principie, no respeito por quem pratica e pelo que se ensina, não trataria de forma imputada os relatos dos discursos?

Neste sentido, as escolinhas com tal ideologia não estariam também buscando a civilização/padronização dos gestos espontaneos antes incidentalmente aprendidos

e induzindo a uma falsa autonomia e roboticismo nos gestos e ações? As funções relatadas pouco englobam e exergam as transformações ocorridas no mundo esportivo e social, cabendo tais questionamentos e reflexões sobre este polo temático.

Professores **Planejamentos e conteúdos**

Na observação das informações obtidas podemos ver o direcionamento das ações e planejamentos em função da aprendizagem e o aperfeiçoamento de gestos técnicos como sendo prioridade na maioria dos discursos. Ressalto alguns pontos como: a função do jogo e a observação da expectativa sobre o sonho de crianças e jovens em se tornarem jogadores profissionais, vejamos:

(P001) “No meu caso na iniciação, a gente pega os quatro primeiros meses ai que o pessoal estão voltando das férias”... Eu faço mais os fundamentos básicos não complicando muito pra depois ir acelerando e aumentando o grau de dificuldade, mas nós temos a equipe de competição que faz essa pré-temporada desde janeiro, tem a preparação física específica pra eles, tem também os treinamentos de fundamentos que dá resultado quando já começa os campeonatos... Que no meio e final do ano podemos colher os resultados nos campeonatos”. (...) A gente sempre no começo da semana começa a fazer os fundamentos mais específicos e ai, ao meio para o final da semana a gente faz mais jogo, mais treino com bola mesmo... “o coletivo”. (P001).

P005 também pondera: “já se vem de casa com o planejamento pronto”... “Ensinamos os fundamentos básicos”.

P004 diz: Eu planejo as aulas diariamente, a cada dia eu trabalho um tipo de fundamento diferente. São duas horas de aula no primeiro momento trabalhamos o cabeceio (e ou outra atividade técnica) com variedades, deslocamentos, saltos e no outro horário eu coloco um rachinha para eles ganharem força muscular, potência, resistência, parte cardiorrespiratória.

P003 diz: “a gente respeita basicamente as idades, trabalha muito a recreação, trabalho lúdico”. (...) Nós temos a questão educacional como mais importante da escolinha, por que a gente fortalece a importância de estar na sala de aula e fazer uma faculdade e se preparar para o futuro, esse sonho de que todos vão ser jogadores profissionais de futebol e que vai ganhar muito dinheiro, isso é uma ilusão. A gente mostra que muitos vão sobressair, e que muitos não. Então esse fortalecimento com a educação é importante e que ele tem que se tornar um homem de bem, por que ele vai ser chefe de uma família, por que ele vai escrever toda uma história. “Isso o que há de mais importante no nosso trabalho aqui”.

Como mencionado e visto nas falas vê-se à prioridade dos planejamentos em torno das habilidades técnicas do jogo. Ribas (2005, p. 113) faz uma exemplificação interessante que relacionamos a forma como tem sido propositado e planejado o ensino do futebol, diz-nos o autor:

É como o conhecimento das notas musicais que norteia e dá rumo ao ensino da música. Mas aprender as notas musicais é o suficiente para formar um bom músico ou um licenciado em música? Claro que não e por isso se faz necessário o estabelecimento de uma meta, contexto, projeto, enfim, um sentido para tudo.

Deste modo, percebemos a necessidade de maior amplitude no ensino da modalidade, pois a mesma se faz de caráter altamente sistêmico, complexo e imprevisível não se limitando apenas aos moldes técnicos em ambos os estágios, etapas e/ou períodos de condição que estejam os praticantes.

Teoldo et al (2010) diz que na orientação de atividades de formação e preparação das crianças e jovens praticantes de jogos coletivos o foco deve estar na centralização dos aspectos pedagógicos, a fim de proporcionar evolução do conhecimento e do nível de desempenho técnico e tático.

Graça e Oliveira (1995) afirmam que o ensino do jogo não deverá ser perspectivado como aquisição de um somatório de habilidades isoladas que se auto justifiquem. De acordo com Garganta, o jogo deve ser compreendido pela lógica sistêmica (todo) e complexa, uma unidade e, como tal, apenas o domínio das diferentes técnicas (passe, condução, remate, etc.) embora se seja parte e um instrumento sem o qual é muito difícil jogar e impossível jogar bem, não permite necessariamente o acesso ao bom jogo.

É preciso que o ensino não se restrinja e, sim se amplie. É preciso estimular e provocar (mediar) condições que auxiliem na transcendência de meras reproduções de gestos e/ou qualquer outra parte isolada. Não se desenvolve sem desafios progressivos.

Parlebás (1996) diz que em sua natureza profunda o esporte apresenta sua lógica interna espetacularizada, não tendo nenhuma ligação interligada com a infância, esse autor é enfático também em afirmar que o esporte foi concebido para adultos, portanto está pensado para eles e por eles. Visto isto, o futebol ensinado e aprendido dentro de uma categoria de idade se faz talvez em uma tentativa de transformar o esporte mais infantil e juvenil. Mas existe um futebol de crianças? Existe um futebol de adolescentes? Certamente são reflexões que incitam uma nova pesquisa.

Marques(1999) e Teoldo et al (2010) ressaltam que o esporte na formação não deve fixar suas bases em meras adaptações das práticas, princípios e cargas preconizados para os adultos; e sim organizado em função dos alunos em processo de aprendizagem, dos objetivos, dos conteúdos, dos métodos, do desenvolvimento e dos níveis de dificuldade, atentando-se as idades e os níveis de maturação, diferenciado o sentido de competição do rendimento adulto em função de uma extensão da formação e aprendizagem por este mecanismo.

Portanto, a individualidade deve ser entendida antes de generalizarmos a cobrança sobre um grupo que nunca se fará homogêneo. Não se deve limitar um esporte tão complexo em uma de suas vertentes, ainda mais na infância onde a base de repertório está sendo construída e todas as ações devem ser enriquecidas por estímulos eficazes e eficientes em prol de maior gama de compreensão e respostas a problemas advindos dos conflitos e das atividades do jogar. As lógicas imprevisíveis do jogo e o jogo devem ser ferramentas estimuladoras do aprendizado.

Observações

Das aulas e atividades observadas dentro das 5 entidades voluntárias, pode-se notar claramente divisões bem definidas (momentos) nas aulas. Em geral os treinos/ aulas iniciaram com conversa rápida, aquecimento e alogamentos, desenvolvimento de atividade técnica, jogo final e conversa final. Vejamos a seguir um quadro que traz um resumo das informações organizamente das observações realizadas:

Quadro 1: Observação das aulas/treinos

E.F	Das aulas			
	Tempo	Materiais usados	Divisão	Metodologia
001	50 min.	Bolas, cones, arcos, colchonetes, balizas, traves pequenas, coletes, barreiras e bolas com elástico.	Conversa inicial, aquecimento, desenvolvimento, jogo.	Utilizou-se do método Analítico, situacional, além do jogo formal.
002	2h	Bolas, cones e coletes.	Conversa inicial, alongamentos, desenvolvimento, jogo, conversa final e momento de oração.	Metodologia tradicional: tecnicista e analítico. Por fim jogo formal (dimensões menores de gramado).
003	2h	Bolas, coletes e cones.	Aquecimento, desenvolvimento da aula com atividades técnicas, finalização a gol, jogo formal em dimensões menores, palestra educativa, comentário sobre o treino e oração.	Metodologia analítica, e jogo formal.
004	2h	Bolas e coletes.	Chamada, conversa inicial, aquecimento com bola (informal), desenvolvimento, jogo, conversa final.	Utilizou-se para o desenvolvimento de sua aula atividades com bola de caráter analítico e por fim jogo formal.
005	1h	Bolas, cones e coletes.	Designação da tarefa, corrida em círculos, atividades coordenativas em circuito, jogo em dimensões reduzidas, conversa final.	Utilizou-se para o desenvolvimento da aula circuitos específicos (atividades motoras específicas) e jogo em dimensões reduzidas (Met. Global 2x2...) sem feedback do professor. Ao fim jogo formal.

A saber, os treinos/aulas se fizeram em uma mesma linha de acordo com a característica de cada entidade. Viu-se a utilização de metodologias distintas para cada momento das atividades do dia. Em uma primeira etapa utilizou-se métodos tradicionais com maior previsibilidade nas tarefas, tarefas de caráter fechado e quase invariantes, findando em jogo formal.

Existe um bom número de abordagens, propostas e metodologias na literatura, em nossa referência recorremos a corrente difundida na atualidade do ensino dos jogos coletivos a partir do entendimento dos princípios de jogo, complexidade do jogo e imprevisibilidade. Deste modo, assim como Hirma (2014) não desconsidero a produtividade e resultados obtidos através dos métodos tradicionais, porém na leitura de autores dos jogos coletivos notamos a intencionalidade de tal proposta como uma aproximação maior das atividades de treino/aula com a da dimensão que se joga, possibilitando maior vivência, compreensão tática, técnica estratégica

e privilegiando a tomada de decisão para a solução de problemas recorrentes à imprevisibilidade do jogo.

Menezes et al (2014, p. 357) corrobora-nos ao dizer:

A ruptura com os princípios básicos do método analítico-sintético é um desafio que almeja a formação de aprendizes críticos na resolução de situações-problema de ordem cognitiva, de forma contextualizada, ao invés de apenas reproduzir movimentos.

Em relação ao jogo descrito nas observações, em geral se fez como parte final das aulas, a hora de se juntar as partes aprendidas e colocá-las em prática. Por vezes, o jogo apresentado pareceu muito mais uma forma de recompensa aos alunos que se disponibilizaram a executar repetitivamente atividades fechadas e monótonas, tendo em vista o caráter dinâmico das crianças.

De acordo com Reverdito e Scaglia (2007, p. 54) ao recorrermos a uma proposta em que se privilegie o jogo como elemento fundamental, devemos ser capazes de pedagogicamente problematizar o jogo. Portanto, o jogo é ferramenta fundamental para o desenvolvimento e compressão, bem como elemento de expressão de tudo o que se relaciona com ele, o que se deve observar no processo pedagógico ao ensinar futebol é a utilização do jogo como ferramenta e não como o descompromisso (deixar rolar).

Garganta (1998) considera que o jogo deve estar presente em todas as fases de ensino/aprendizagem, pelo fato de ser simultaneamente, o maior fator de motivação e o melhor indicador da evolução e das limitações que os praticantes vão revelando. Porém, Kroger e Roth (2005, p.14) nos alerta quando dizem:

Os jogos não podem ser colocados nas aulas de forma a seguir um princípio do tipo anything goes, ou seja, sem escolha e só livre-arbítrio. Os jogos devem ser construídos de forma que determinadas constelações típicas dos jogos e consequentes “elementos táticos” possam ser desenvolvidos.

O jogar e a propagação de atividades que o envolva, além de ser motivante aos alunos, é um mecanismo de ensino eficaz que pode e deve ser usado como uma

ferramenta altamente produtiva e de bom acesso, mas que tem sido desconsiderada visto as informações desta pesquisa.

Conclusão

A pesquisa revela o reducionismo nas ações de operacionalização do esporte e principalmente uma certa ausência na crença do ensino esportivo, como constatamos em falas destacadas que apontam os bons jogadores como possuidores de dadas não tocáveis ou não passíveis de alterações externas, como é o caso da intervenção formal de ensino. Outro ponto que nos permite apontar esse reducionismo como algo que limita a aprendizagem tangida sob a lógica do futebol entendido, pensado e repassado de maneira descomprometida com as demais lógicas e princípios do esporte.

Nesse sentido, a pesquisa evidenciou que o futebol para às novas gerações deve ser refletido rotineiramente, visto que a operacionalização aqui vista se faz com priorização apenas da parte “técnica básica” pouco se utilizando do jogo como ferramenta de alto potencial. A marginalização do jogar leva-nos a questionar o por que se treina e a forma para qual se treina; treinos sem a composição, entendimento ou em determinadas configurações que não desafiam o aprendiz a se desenvolver seriam as melhores condições? Até quando os estímulos das sessões de treinos serão tratados como algo simples? Até quando as cobranças descairão sobre os aprendizes pela má execução e não, no contexto geral e competência mútua de propositores e aprendizes que formam a base para o ensino?

É preciso dizer então que nossa pesquisa traz evidências concretas que o esporte a crianças é altamente influenciado pelos conceitos e pensamentos imediatista dos adultos. E tal mudança passa pela construção de planejamentos mais coesos, que envolvam ideias e profissionais de áreas diferentes (planejamento multidisciplinar) que repensem os significados do futebol e do que se cobra de crianças e jovens na prática.

Devemos como professores de Educação Física ou como futuros profissionais que irão se envolver no ensinamento esportivo nas escolinhas, ser propagadoras de bons atos e atitudes, auxiliando na construção e influência das novas gerações de maneira positiva, além de cumprirem seu papel de ofertar o ensino esportivo com aspectos e dimensões amplas e, que acima de tudo “que o ensino do esporte se faça com qualidade”.

Cuiabá sugere um caso *sui generis* em termos de preocupação em preparação de potenciais esportivos para o futebol, não negamos as conquistas, aprendizagem e frutos já produzidos por estas unidades de ensino esportivo, entretanto visamos a partir deste estudo provocar reflexões que estimulem melhorias significativas no ensino esportivo em Escolas de Futebol. Por fim, sugiro novas pesquisas, mais aprofundadas e que acompanhem por mais tempo os aspectos aqui lançados.

Referências

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Paris: Vigot, 1994.

CARRAVETA E. Modernização da Gestão do Futebol Brasileiro – perspectiva para qualificação do rendimento competitivo. Porto Alegre. AGE 2006.

CAVICHIOLO, F. R. et al, O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Rev. bras. Educ. Fis. Esporte**, São Paulo, v.25, n.4, p.631-47, out./dez. 2011 • 631.

DAMO, A. S. (2005). **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Porto Alegre. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DAOLIO, J. (2002) Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. **Rev. Bras. Ciência e Mov.** Brasília v. 10 n. 4 p. 99-104 outubro 2002.

GALATTI, L. R. PEDAGOGIA DO ESPORTE: O livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. Campinas, 2006.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: A. Graça & J. Oliveira (Eds.). O ensino dos jogos desportivos. 2ed. Porto, Universidade do Porto, 1995.

GARGANTA, J. M. S. (1998) O ensino dos jogos desportivos coletivos. Perspectivas e tendências. **Movimento** - Ano IV - Nº 8 - 1998/1, p 19-27.

GARGANTA, J. e GRÉHAIGNE, J. F. (1999). Abordagem sistémica do jogo de futebol: Moda ou necessidade. **Revista Movimento**, 5(10), p 40-50.

GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). O ensino dos jogos desportivos. Universidade de Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, 1995.

GRECO, P. J. **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

GRECO, P. J. Metodologia do ensino dos esportes coletivos: iniciação esportiva universal, aprendizado incidental—ensino intencional. **Revista Mineira de Educação Física**, V. 20, n. 2, 2012, p. 151.

GUTERMAN, M. **O Futebol explica o Brasil**- uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HIRAMA, L. K. et al. Propostas interacionistas em pedagogia do esporte: aproximações e características. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação

Física da UNICAMP, Campinas, v. 12, n. 4, p. 51-68, out./dez. 2014. ISSN: 1983-9030.

KROGER, C. e ROTH, K. **Escola da Bola**: um abc para iniciantes nos jogos esportivos. Colaboração Dniel Memmert. Tradução: Pablo Juan Greco, 2 ed. São Paulo, Phorte, 2005.

LEITÃO, R. AP. A. **O jogo de futebol**: investigação de sua estrutura, de seus modelos e da inteligência de jogo, do ponto de vista da complexidade. Campinas-SP, 2009.

MARQUES, A. As crianças e adolescentes atletas: entre a escola e os centros de treino, entre os centros de treino e a escola. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TREINO DE JOVENS, 1999. Lisboa. Comunicações Apresentadas... Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, Secretaria do Estado do Desporto, 1999. p. 135-145.

MENESES, R. P. et al. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 01, p. 351-373, jan. /mar de 2014.

PAOLI, P. B. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2007.

PARLEBÁS, P. **O significado do esporte na sociedade contemporânea**. Congresso Latino Americano de Esporte para todos. Santos- SP, 1996.

QUINTAS, P.S., BORTOLI, R. Futebol: iniciação esportiva na escola. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 138 - Noviembre de 2009. Acesso em: 17/11/2014.

REVERDITO, R. S. e SCAGLIA, J. A. A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v.13 n.1 p.51-63, jan./mar. 2007.

RIBAS, J. F. M. Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola. **Motriz**, Rio Claro, v.11 n.2 p.113-120, mai. /ago. 2005.

SCAGLIA, A. J. (1999) **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. Dissertação de mestrado, Campinas-SP, 1999.

SCAGLIA, A. J. Escolinha de futebol: uma questão pedagógica. **Motriz** - Volume 2, Número 1, Junho/1996.

SOARES, et al (2004) O “futebol arte” e o “planejamento México” na copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.113-130, setembro/dezembro de 2000.

SOLDER, P. A. et al. Escolinhas de Futebol. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v.2, n.6, p.135-145. Set/Out/Nov/Dez. 2010. ISSN 1984-4956.

TEOLDO, I.; GARGANTA, J.; GRECO, P. J.; COSTA, V. T. Estrutura temporal e métodos de ensino em jogos desportivos coletivos. **Revista Palestra**, v. 10, p. 26-33, 2010.

TOLEDO, L. H. **No país do futebol**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

VALENTIN, R. B. e COELHO, M. Sobre as escolinhas de futebol: processo civilizador e práticas pedagógicas. **Motriz**, Rio Claro, v.11, n.3, p.185-197, set. / dez. 2005.

THE OPERATION IN SPORT INITIATION OF SCHOOLS: FOOTBALL THAT PROPOSES

Abstract: This study aimed to describe and analyze how football has been designed and operated in sports schools. We used to collect: semi-structured interviews for teachers, structured observation from training and open questionnaire to leaders in 05 of Cuiaba-MT football schools. We note that, football in its operation in such areas becomes geared primarily to the teaching of "technical grounds". For this, it is necessary to approach the agents of the sporting culture of cohesive planning and multidisciplinary thinking. So that football is propagated from its unpredictable, complex and systemic logic, making it optimal pedagogical tool, aggregating concepts and values.

Keywords: Football. School of sport. Sport initiation.

EI OPERACIÓN EN LA INICIACIÓN DEPORTIVA: FÚTBOL QUE PROPONE

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo describir y analizar cómo el fútbol ha sido diseñado y operado en las escuelas deportivas. Se utilizó: entrevistas semi-estructuradas para maestros, observación estructurada de formación y cuestionario a líderes de 05 de las escuelas de fútbol Cuiabá-MT. El fútbol en su funcionamiento en dichas áreas queda orientado principalmente a la enseñanza de "razones técnicas". Los necesario acercarse los agentes de la cultura deportiva com planificación y pensamiento multidisciplinario. Así que el fútbol se propaga a partir de su impredecible lógica, complejo y sistémico.

Palabras clave: Fútbol. Escuela de deporte. Iniciación deportiva.